



ModaPalavra e-periódico

E-ISSN: 1982-615X

modapalavra@gmail.com

Universidade do Estado de Santa

Catarina

Brasil

Fontes Pinto, Débora; Aguiar Barbosa, Rita Claudia; de Brito Mota, Maria Dolores
Enxoval de Noiva e a Moda – Da Dádiva ao Homewear
ModaPalavra e-periódico, núm. 6, julio-diciembre, 2010, pp. 9-18
Universidade do Estado de Santa Catarina
Florianópolis, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=514051717003>

- ▶ [Como citar este artigo](#)
- ▶ [Número completo](#)
- ▶ [Mais artigos](#)
- ▶ [Home da revista no Redalyc](#)



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Enxoaval de Noiva e a Moda – Da Dádiva ao *Homewear*

Débora Fontes Pinto (UFC)¹
Rita Claudia Aguiar Barbosa (UFC)²
Maria Dolores de Brito Mota (UFC)³

Resumo

A preparação do enxoaval sempre esteve associada ao papel social feminino e a um ritual de transmissão de saberes e de valores entre mulheres. O enxoaval da mulher para o casamento sofreu modificações que acompanharam as mudanças históricas no próprio casamento, na condição feminina e na formação de uma sociedade de consumo fortemente industrializada. A pesquisa realizada envolveu um estudo bibliográfico, uma pesquisa documental na internet em sites especializados em enxoaval e em entrevistas com cinco mulheres de gerações diferentes. A forma de preparar o enxoaval da noiva mudou de uma fabricação artesanal num contexto de transmissão de vivências e valores entre mulheres que configurava um sistema de trocas simbólicas pelo qual tomava a forma de dádiva, para uma prática de consumo coordenada por empresas especializadas e orientada por valores estabelecidos pelo mercado, no qual se constitui como mercadoria de *homewear*.

Palavras - chave: Enxoaval, Dádiva, Moda.

Abstract

Trousseau preparation has always been associated with the social role of woman and with a ritual of knowledge and values transmission. Woman trousseau for marriage has undergone modifications which have followed the historical changes in marriage itself, the feminine condition and the development of a consumption society which is strongly industrialized. The present research involved a bibliographical study, a documentary search, internet consult as well as an interview with five women from different generations. The way to preparing trousseau has undergone deep changes. In the past the trousseau was made of handcraft products which were prepared in a context of transmission of experience and values among women. It had a symbolic meaning of a gift. Today trousseau preparation is a consumption practice co-coordinated by specialized companies and guided by values established by the market. It constitutes a *homewear* merchandising.

Key words: Trousseau, Gift, Fashion

¹ Bacharel em Estilismo e Moda.

² Economista, Mestre em Economia, Professora Assistente da Universidade Federal do Ceará.

³ Socióloga, Doutorada em Sociologia, Professora Adjunta da Universidade Federal do Ceará, Coordenadora do Núcleo de Estudos e pesquisas sobre Gênero, Idade e Família.

O enxoval de noiva – cultura e mercado

Na sociedade atual, os modos de vida são marcados por variados padrões de consumo. A prática generalizada de consumo de bens e serviços abrange toda ordem de acontecimentos da vida cotidiana, do nascimento ao funeral, passando por aniversários, batizados e casamentos que têm se transformado, de um feito familiar e doméstico para uma produção especializada, realizada por setores econômicos organizados. É o que se pode observar com o casamento e o enxoval da noiva. Para a realização de um casamento operam vários setores desde ateliers que costuram ou alugam os vestidos de noiva, de damas, madrinha, e convidadas, bem como as roupas dos noivos, padrinhos e convidados aos buffets que promovem as festas e cuidam da decoração da igreja. O costume do enxoval, também conhecido como *trousessau*, vem do francês *trousse*, uma espécie de embrulho em que as noivas levavam os seus pertences para o novo lar.

Um casamento atualmente leva em média um ano para acontecer, se for seguir toda a preparação que é demandada. Entre esta preparação, está o enxoval da noiva, que hoje é comprado em lojas especializadas em cama, mesa, banho e roupa de dormir. Diversos eventos podem fazer parte da montagem do enxoval, realizados como festas para o encontro de familiares e amigas que presenteiam a noiva com objetos que vão compor o seu enxoval. Essas festas são organizadas em espaços domésticos ou em buffets, dependendo das condições econômicas da família da noiva ou de suas amigas e supõe a articulação de empresas que integram a “indústria de casamento” e a “indústria de festa”.

As transformações ocorridas com o enxoval de noiva fazem parte do novo contexto da sociedade de consumo atual, “em que os vínculos humanos tendem a ser conduzidos e mediados pelos mercados de bens de consumo”, como comprehende Bauman (2008, p. 107-108), ao analisar como a moderna sociedade de produtores se transformou em sociedade de consumidores. Esse autor acredita que a rede de relações humanas foi invadida e apropriada por visões de mundo e padrões de conduta orientados pelo mercado. Alia-se a essa sociabilidade consumista o processo de espetacularização da vida, ou modos de vida espetacularizados, no sentido compreendido por Debord (1997) como uma relação entre pessoas mediatizada por imagens. Segundo o curso das reflexões de Debord, Trigueiro (2005) estuda “os deslocamentos, as teledistribuições de bens culturais populares materiais e imateriais para as novas demandas de consumo no mundo globalizado” (p.1).

Com base nesses autores é possível perceber as novas formas que assumem as manifestações culturais apropriadas e distribuídas pelo mercado de consumo. Não apenas

manifestações de cultura popular como Carnaval, São João, Bois de Parintis, Círio de Nazaré entre outros rituais coletivos que existem no Brasil, mas também rituais que fazem parte da história pessoal como o aniversário, a formatura, o casamento e até o funeral tornam-se produto de tecnologias sofisticadas e altos investimentos de recursos financeiros. Os efeitos da mercantilização e da espetacularização do enxoval da noiva se expressam no deslocamento de seu feitio de uma arte artesanal e emotiva feita no interior de espaços domésticos, para uma produção industrial comercial, e de sua transformação de rito privado em rito público convertendo-o de *dádiva* em *presente*.

O casamento desde tempos remotos está ligado à preparação de um enxoval. Estudos fazem referência a existência da prática do enxoval da noiva, como preparação e condição para o casamento, desde a antiguidade romana, idade média, sociedade moderna até aos dias atuais (MURSTEIN, 1976; DUBY, 1989; VÁRZEA, 2001; PERROT, 1989).

Formado, sobretudo, por artigos têxteis para o lar como lençóis, colchas, toalhas de mesa e banho, além de guardanapos variados de tecido, o enxoval começava a ser confeccionado ainda na infância das meninas, e mais tarde, já na idade média, quando estas realizavam a cerimônia litúrgica da primeira comunhão.

Como a melhor perspectiva para uma mulher era casar e ter filhos, quando a moça fazia a primeira comunhão, começava-se a fabricar o enxoval. Nos tempos mais remotos, quando não haviam os fios industrializados, as lições começavam pela roda de fiar. (VÁRZEA, 2001)⁴

Segundo essa autora a composição dos enxovals variava conforme o grupo social, a época e a região, sofrendo influência dos costumes locais e também do nível econômico das famílias. Para as mais abastadas o enxoval incluía além dos artigos têxteis, móveis para o quarto e a sala, sendo mantido como patrimônio da mulher em caso de separação ou viuvez.

Ainda segundo esta autora, até 1930 a obrigatoriedade do enxoval como parte do dote era condição essencial para a realização do casamento. No caso de famílias pobres, se a humildade da noiva fosse aceita pela família do noivo, os familiares deste, assim como vizinhos e amigos, se reuniam para prover aos noivos as peças do enxoval. Caso a família do noivo não perdoasse a noiva pela carência de dote, o casamento não se realizava e a noiva tinha como opção permanecer solteira ou ascender à vida religiosa. A prática da noiva preparar o enxoval permanece, mas com transformações. Atualmente, não apenas as noivas e

⁴ Extraído do site: <http://www.bolsademulher.com/autor/35>

familiares, mas também as amigas se mobilizam para prepará-lo, organizam listas de presentes, distribuem convites e realizam um encontro com comidas, bebidas e brincadeiras para fazer o presenteio. Tudo com muita alegria, ludicidade, diversão. A tradição continua renovada, ressignificada seja pelo conteúdo da lista de objetos, seu feitio, o lugar de materialização, seja pela própria relação entre as/os envolvidas/os no ritual de sua realização.

O enxoval como dádiva – troca, transmissão e compromisso entre mulheres

O paradigma da dávida, desenvolvido por Mauss (1974) a partir de descobertas realizadas por Malinowski (1976), baseia-se fundamentalmente na idéia de que os movimentos da dádiva – dar, receber, retribuir – são condições fundantes do vínculo social. Segundo Mauss (idem), dar, receber e retribuir, cria laços espirituais e compromissos, pois as trocas não são apenas de bens, riquezas e produtos entre indivíduos, mas entre coletividades, ou seja, entre famílias, clãs ou grupos que trocam gentilezas entre si, como constatou em sociedades da Polinésia, na ocorrência de troca de presentes entre tribos em ocasiões como casamento, nascimento, enfermidade, morte. Denominando este costume de presentear-se mutuamente como *sistema de trocas totais*, o autor comprehende o dar algo a alguém como dar-se a alguém, ao mesmo tempo que estabelece uma reciprocidade, cria um vínculo pela transmissão da coisa dada. Esse circuito, de um sistema de trocas de objetos e significados se verifica no processo de confecção do enxoval desde sociedades antigas, como Grécia e Roma a.C., até a sociedade moderna, conservando alguns elementos até os dias atuais.

Nas sociedades clássicas grega e romana, as mulheres eram educadas em casa pelas mães, avós, criadas e demais mulheres da família; eram mantidas reclusas, longe dos olhares masculinos, num aposento da casa destinado exclusivamente a elas e denominado *gineceu*. Os ensinamentos que recebiam eram, sobretudo, domésticos, como cuidar da casa e de crianças, cozinhar e trabalhos manuais de agulha, como tecer e bordar. Ainda com base em Muristein, nesses anos de reclusão, as meninas se dedicavam à construção do enxoval, parte do dote, materializada em peças, que as noivas levavam consigo da casa dos pais na ocasião do casamento.

Por volta do século IX, as mulheres eram encerradas no “quarto das damas” – versão cristã do *gineceu* – onde alternavam seus dias entre rezar e trabalhar, tecendo, fiando e bordando as roupas da época e os artigos do lar. Segundo Duby, Barthelème e Roncière

(1989) “das mãos femininas saíam, de fato, todos os enfeites do corpo e os tecidos ornamentados que decoravam o próprio quarto, a sala e a capela.”(p.89)

No século XIX, Perrot (1989) observa que o enxoval se inscreve num mundo em que o espaço privado era considerado o lugar da felicidade e as mulheres suas testemunhas e cronistas. Afirma essa autora que:

A roupa de cama, mesa e banho, o vestuário constituem uma outra forma de acumulação. O enxoval, cuidadosamente preparado nos meios populares, sobretudo rurais, é ‘uma longa história entre mãe e filha’. A confecção do enxoval é um legado de saberes e de segredos, do corpo e do coração, longamente destilados. O armário de roupa é ao mesmo tempo cofre e relicário. A espessura dos lençóis, a delicadeza das toalhas de mesa, os monogramas nos guardanapos, a qualidade dos panos de limpeza ganham sentido numa cadeia de gestos repetidos e engrinaldados. (p.14)

Perrot apreende o significado econômico e simbólico do enxoval. É valor e signo cultural; é objeto e é memória (de mulheres e entre mulheres). Antes da industrialização da cadeia têxtil no século XIX, a confecção do enxoval tinha início com a fabricação dos fios pelas próprias mulheres nas antigas rocas ou rodas de fiar, depois de prontos os fios eram tecidos em teares manuais e só então começavam a ser bordados.

No início do século XX com o crescimento da indústria e a entrada da mulher no mercado de trabalho os trabalhos manuais começaram a despontar como uma forma de prestação de serviço que complementava o orçamento doméstico ao mesmo tempo em que mantinha a figura feminina encerrada no lar. Nesse período, era comum as mulheres se reunirem em casa de uma delas, após a realização dos serviços domésticos, para desenvolverem peças bordadas à mão sob encomenda. As criadas da casa também eram convidadas a ajudar nesse serviço, e as meninas incentivadas desde cedo a aprender, a se familiarizar com os pontos de costura e bordados, afirma Sevcenko (1998).

Até a década de 1960, em Fortaleza as peças que materializam o enxoval de casamento ainda eram preferencialmente construídas pelas moças casadoiras e sua família. Era ela a responsável pela confecção dos lençóis, das colchas e viras, das toalhas de mesa e algumas vezes até mesmo da camisola de núpcias e o vestido de noiva.

Eu toda vida fui do lar. Quanto ao meu enxoval, meu pai foi quem me ajudou, minha mãe, meus pais. E quem confeccionou fui eu, até o vestido do casamento fui eu que fiz. Eu fazia porque eu costurava. Com 13 anos eu já costurava, tinha tendência e quando a pessoa tem tendência não precisa ninguém ensinar. (Dona de casa, 62 anos, casada em 1967)

O depoimento acima testemunha a prevalência do costume de confeccionar manualmente, junto com a família, principalmente a mãe, e em casa, as peças do enxoval. A relação entre mãe e filha, representava a transmissão de um legado de valores simbólicos relacionados com o papel da mulher, conhecimentos, habilidades e compromissos femininos.

Enxoval e homewear - moda e festa na espetacularização de um ritual nada íntimo

Os depoimentos das mulheres entrevistadas permitem acompanhar as mudanças recentes no enxoval e sua constituição como mercadoria de moda, como demonstra o depoimento abaixo.

Namoramos pouco tempo, como eu trabalhava em loja de tecido e nessa época já se encontrava muita coisa pronta para enxoval, eu não tive enxoval com muitos requintes não. Comprei o básico, lençol já pronto, toalhas. (Tabeliã, 58 anos, casada em 1973)

Nas décadas seguintes as mudanças na condição social e econômica feminina, associadas ao fortalecimento da economia capitalista, a urbanização, os avanços tecnológicos e a redução do tempo doméstico das mulheres, segundo Marques (1989) eliminou ou simplificou muitas atividades tradicionalmente sob responsabilidade das mulheres, dentre elas a construção do enxoval, materialização do ritual do casamento.

Muita coisa, assim, a maior parte eu comprei. Pouquíssima coisa eu mandei fazer. Até porque eu sou meio apressada, não tenho muita paciência de esperar que seja feito. Então eu ia, escolhia... Eu mesma providenciei tudo, ia e comprava. Achava mais prático do que esperar que fosse feito. Apesar de achar muito mais bonito personalizado. Mas dificilmente a gente encontra quem faça com o tempo que a gente quer. (Coord. Pedagógica, 34 anos, casada em 1999)

As relações mãe-filha antes marcadas por uma intensa troca de experiência e contato interpessoal se vêem reduzidas diante de tantas responsabilidades.

A participação da minha mãe foi pouca. Eu praticamente organizei tudo sozinha; mamãe não se envolveu muito não, tudo eu providenciei praticamente só. Eu sou muito prática, sempre fui de chegar e resolver. Ia comprando, ia guardando. (Coord. Pedagógica, 34 anos, 1999)

Essa alteração nas interações familiares, provocada pela emancipação feminina e seu consequente distanciamento das questões puramente domésticas, impulsionou o fortalecimento de relações sociais externas à família, seja entre amigos de infância ou colegas de trabalho. Através de relatos das entrevistadas pudemos observar como essas relações se

dão na ocasião da montagem do enxoval na preparação do casamento, e sua importância para os noivos.

Eu sempre fazia os trabalhos manuais com uma amiga, colega de profissão, que também estava se arrumando pra casar. Tudo que uma fazia a outra imaginava e a gente criava modelos diferentes dos que a gente via nas revistas, até que conseguimos fazer todo nosso enxoval. Muita coisa foi confeccionada por nos duas. O prazer do fazer e ver que foi feito por mim. [...] Essa troca de experiência foi muito importante pra nós duas, que por sinal, ainda hoje somos muito amigas. (Func. Pública, 45 anos, casada em 1985)

Pode-se observar nas entrevistadas que as peças de enxovals que tinham caráter mais especial eram, sobretudo aquelas confeccionadas com seus labores e trabalhos manuais ou ainda, aquelas que possuíam além das características práticas relacionadas à manutenção e aquisição, caráter artesanal e personalizado.

A peça mais importante do meu enxoval que eu posso destacar como uma peça super especial foi uma colcha de cama que eu crochetei todinha... Ainda hoje eu tenho, já com 23 anos de casada, e é uma peça que eu guardo com todo carinho. Uso, lavo e guardo pra que ela persista um bom tempo. (Func. Pública, 45 anos, casada em 1985)

Quanto aos itens de composição do enxoval, artigos básicos como toalhas e lençóis continuam a fazer parte das listas desde a antiguidade, variando em características técnicas tais como: tipo de fibras, armação, acabamento e tamanhos padrões. Atualmente inúmeras empresas do segmento de cama, mesa e banho estão investindo no design como fator de diferenciação das peças, transformando o antigo enxoval no moderno conceito de Homewear ou Moda Casa, fazendo as roupas de cama, mesa e banho acompanharem tendências de moda no que diz respeito às formas, cores, texturas e padrões. Esse processo transformou o enxoval de casamento em artigo de moda.

Muitas das tendências de moda apresentadas em desfiles de passarela passam a fazer parte de coleções de cama, mesa e banho, que não raro também carregam o nome de designers famosos e estilistas, o que de acordo com a ABIT já conseguiu movimentar o setor com um aumento de 4% nas vendas de 2005 em relação aos anos anteriores.

Os artigos de cama, mesa e banho criados por profissionais da moda procuram levar a noção de estilo para além do que se veste, expandindo o conceito que agrupa moda e personalidade para os múltiplos espaços do viver, dentre eles a casa, lugar ao mesmo tempo íntimo e social.

A participação da mãe e demais mulheres da família na produção do enxoval ainda é um fator comum, mas freqüentemente está mais ligado à companhia e troca de experiências

relativas a organização de festa para recebimento de presentes de utilidades de uso doméstico do que à construção e materialização do enxoval propriamente dito.

A primeira coisa que decidi quando me deparei com o processo de "Montar o enxoval" foram as cores/tons que eu queria e que eu não queria. Depois disso começou a procura e pesquisa de mercado, levando em consideração principalmente a relação qualidade x preço. Tudo foi escolhido por mim, minha mãe e mais duas amigas. Foi estipulado um número para cada tipo de coisa que eu ia precisar mais de "imediato". (Contadora, 28 anos, casada em 2008)

A participação dos amigos, seja na forma de companhia durante o processo de compra de peças ou de organização da festa, seja no compartilhamento de idéias e na troca de experiências e objetos, representa uma importante interação social que se estende para além da família e, algumas vezes além das mulheres. Essas festas, conhecidas como "chá", materializam-se em momentos de montagem do enxoval, e são quase sempre reuniões festivas para entrega de presentes que podem ser divididas de acordo com os tipos de objetos domésticos a serem adquiridos:

- a) Chá de Casa Nova: Inclui artigos variados que vão desde utensílios de cozinha, eletrodomésticos de pequeno porte, objetos de decoração à peças de cama e mesa, como jogos de lençol, edredons e toalhas.
- b) Chá de panela ou de Cozinha: Os presentes são restritos aos utensílios de cozinha como conjuntos de panelas, pratos, talheres, peneiras, escorredores e etc.
- c) Chá-Bar: Geralmente realizado pelos amigos do noivo que o presenteiam com bebidas, copos, taças, baldes e pinças de gelo e outros objetos que possam ser utilizados para receber em casa os amigos.
- d) Chá de Lingerie: Organizado pelas madrinhas e amigas da noiva para presenteá-la com lingeries e peças íntimas. É uma reunião exclusiva para as mulheres.

Em todas as modalidades de "Chá" são servidos drinks, coquetéis, salgadinhos e quitutes. Os encontros quase sempre acontecem nos finais de semana e podem ser realizados na casa dos noivos, dos pais destes, em casas de amigos, sítios, ou em restaurantes e Buffet com espaços de eventos.

O costume de envolver os amigos no processo de preparação do casamento e construção do enxoval é resultado das mudanças sociais e de costumes que transferiram parte dos ritos que eram tidos como privados e exclusivos às famílias para o universo público, onde são cada vez mais socializados. O homewear ou a Moda de Casa apresenta-se assim como um

elemento de mudanças em que relações sociais, formas, texturas e cores expressam uma ressignificação do tradicional “enxoval de noiva”.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Alice Rangel de Paiva. **O Avesso da Moda: Trabalho a domicílio na Indústria de Confecções.** São Paulo : Ed. Hucitec, 1986.
- ALVES, Branca; PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo.** São Paulo: Brasiliense S.A, 1985.
- ANGELO, Elis Regina Barbosa. **Turismo e Artesanato: os bordados da cidade de Santos em perspectiva.** Revista Eletrônica COEAE – ISSN 1806 – 700X, novembro, 2004.
- ARAUJO, Maria de Fátima. Amor, Casamento e Sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicologia: Ciência e Profissão.** [s.l], v.22, n.2, p.70-77, junho.2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo.** A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BEVILÁQUA, Clóvis. **Direito de Família.** Campinas: Red Livros, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** 3.e. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- DIAS, Paula Barata. A influência do Cristianismo no conceito de casamento e de vida privada na Antiguidade Tardia. **Ágora Estudos Clássicos em Debate.** Coimbra, n.6. 2004.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Curitiba: Contraponto, 1997.
- DUBY, Georges; BARTHELEMY, Dominique; RONCIÈRE, Charles de La. A vida privada nas casas aristocráticas da França feudal. DUBY, Georges e ARIÈS, Philippe. (Orgs.). **História da Vida Privada.** v.2 , São Paulo: Companhia das Letras,1998.
- REDE BAHIA DE TELEVISÃO. **Setor de Cama, Mesa e Banho – Estudo de Mercado.** Salvador, janeiro de 2006. Disponível em: HTTP://<ibahia.globo.com/tvbahia/comercial/pdf/cama_mesa_banho.pdf>. Acesso em 15 nov. 2008.
- FILHO, Alcides Goulart; NETO, Roseli Jenoveva. **A Indústria do Vestuário.** São Paulo: Letras Contemporâneas, 1997.
- GORINI, A .P. F.; SIQUEIRA, S.H.G. **Segmento de fiação no Brasil.** 25p. Rio de Janeiro:BNDES setorial 6, set. 1997. Disponível em: <http://<www.bndes.gov.br/conhecimento/bnset/fiação.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2008.
- GORINI, A .P. F.; SIQUEIRA, S.H.G. **Tecelagem e Malharia.** 28p. Rio de Janeiro: BNDES setorial 7, mar.1998. Disponível em: <http://<www.bndes.gov.br/conhecimento/bnset/rsmalha1.pdf>>.Acesso em: 20 out. 2008.
- MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. **Recônditos do Mundo Feminino.** In: NOVAIS, F; SEVCENKO, N. **História da Vida Privada no Brasil.** v.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MARQUES, Nerina A. C. **A Produção doméstica no sistema capitalista: os espaços que ainda permanecem.** In: Congresso Brasileiro de Economia Doméstica, 10, 1989, Piracicaba. Anais... p.95-103.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia.** V. II. Ensaio sobre a Dádiva. São Paulo: EPU-EDUSP, 1974.

MURSTEIN, Bernard I. **Amor, Sexo e Casamento Através dos Tempos.** [s.l.], Arte Nova S.A., 1976.

PINHEIRO, S. S. **Relações de produção e de trabalho:** uma análise geográfica da indústria do vestuário, calçados e artefatos de tecidos em Rio Claro – SP, e suas vinculações espaciais. 1993. 191 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 1993.

SEVCENKO, Nicolau (Org.); NOVAIS, Fernando A. (Dir.). **História da Vida privada no Brasil** – República: da Belle Epoque à Era do Rádio. v.3, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUZA, Laura de Mello e (Org); NOVAIS, Fernando A. (Dir.). **História da Vida Privada no Brasil** – Cotidiano e vida privada na América Portuguesa. v.1, São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

TRIGUEIRO, Osvaldo M. A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmidiáticos. Apresentado no Seminário Nacional de Políticas Públicas para Culturas Populares. Brasília, Fev. 2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/trigueiro-osvaldo-espetacularizacao-culturas-populares.pdf>

VÁRZEA, Mariana. **Enxoval: Uma Cultura Feminina.** Portal Virtual Bolsa de Mulher, 07 set. 2001. Disponível em: <HTTP://<www.bolsademulher.com/autor/35>. Acesso em 03 ago. 2008.

Data de Recebimento: 29/03/2010

Data de Aceitação: 11/06/2010